



# Lídia Jorge

O Cais das Merendas

6.ª edição



DOM QUIXOTE



*A Maria dos Remédios, minha mãe*



## PRIMEIRA

## MARÍTIMA

A décima nona foi anunciada não como merenda, coisa que lembraria figos, mas já como party, ajuntamento que falava festa, doces gestos, meus amigos. Esse foi o verdadeiro momento. E para tanto não é preciso deitar o olho para trás, e acontecido, como a espelho retrovisor de carro, e dizer. Foi assim. Porque a própria Zulmira Santos se apercebeu do significado desse passo, incansável pelo sucesso do encontro, o rigor das coisas, a combinação dos sortidos, a pontualidade das horas. Que vissem mesmo, vizinhos, o roxo dos seus olhos, tendo dormido apenas três horas e à custa de pastilhas. Mas felizmente que estava tudo bem, tudo tão certo e tão o.k. que ninguém faltava, ninguém se punha a andar adiante, ninguém tossia e ninguém levantava a voz acima de ninguém. Podiam ver-se uns nas costas dos outros como verdadeiros espelhos. As mulheres tinham vestido saia comprida para esse encontro, algumas com folho e fitilho a produzir um breve laço de aselha pendurada a separar as ancas, xaile com cadilho de fio brilhante, franjado pelo ombro, dando uma volta à garganta como antigamente as varinas. Mariana, Catri-nita, Aldegundes, senhora Valentina. Estávamos todas. Os homens vestiam camisas de xadrez e punham cachimbos que sugavam nos cantos das bocas, às vezes o forninho atacado de tabaco não acendido. Sebastianito não. Às vezes os fósforos incendiando uma chama breve como rasgão de roupa. A concentração das sobranceiras toda descida sobre o pequenino incêndio. E então falando pela narina

da venta. Come on, minha gente. Agora se diz assim, e vejam pelas revistas de todo o mundo a moda que nos chega de boeing pelo ar, apenas com dois dias de diferença, das grandes cidades como paris, a de um rio que corre às pontes, ou de londres, com um palácio de relógio certo. Magazines. Com fotografias tiradas junto das costas dos outros oceanos, lá onde as rochas, apesar de tudo isso, são tão adversas, que nelas se despedaçam os barcos, pessoal. Aqui não. Por isso íamos andando, levando os cestos muito direitinhos na mão, só uma paragem breve a meio da encosta mas não para dizermos uf, antes de atravessarmos o muro do Alguergue. Party. Digam todos pá e digam ti. Como se estivessem a falar com um gargarejo de água na boca, toda a garganta empenhada no gesto como fazem as fadistas para o canto. Insistia Zulmirinha Santos, com a cabeça enrolada de um crespo de caracóis como lã de carneiro merino, meus amigos, a boca desenhada como uma verdadeira bambolina de loiça. Muito aberto e muito cavo o som de party, repitam lá agora, só para ver se já vai. Podiam então subir até ao sitio, tudo a acontecer como previsto. Era o primeiro party. Pussem agora os cestos muito direitinhos, que faltava apenas estender as esteiras de assento, bem esticadas, onde a gente se ia sentar a preceito, alongados ao sol. O Alguergue ali em frente, feito um palácio de calma, tanta era a mansidão, a paz, a ordem, os jardins, e os paus das bandeiras como uma parada de armas à espera de nações. Claro que se estava tão bem no party que ninguém poderia lembrar-se de Rosária, nem por sombras. O party. Digam todos, meus amigos, antes de começarmos a mastigar de lábios quase cerrados o bolo que na boca se chama de alimentar, digam todos uma vez mais. O party. E foi assim.

A décima nona era então o primeiro encontro.

Foi, porque a consciência dos débitos começa pelo uso das palavras. Ou melhor dizendo. Aconteceu quando se chegou à conclusão de que aquele encontro não poderia continuar a ser merenda. Porque merenda, como se disse, sempre lembraria o tempo das ceifas, por

exemplo, quando a dor de macaco tanto apertava o rim, que apeteceia uma pessoa morder as espigas que segava, Zulmirinha. Lembra a era do trabalho sem hora, de sol a sol, o calor a dar nas abas do chapéu de uma pessoa como uma bofetada de luz. Pragas, carrapichos, sementes traiçoeiras, munidas de um bico de agulha ou de patinhas mordentes que se enfiavam nas roupas à procura da pele, para aí depositarem o seu veneno e raivinha de erva. Quem não guardava a memória viva dessa comichão, senhora Valentina? E depois de uma endireitadela furtiva do corpo sobre a chapada do outeiro, ao fundo o mar, dizia-se mudo olhando a queda do sol. Cinco horas, vamos à merenda. Então o corpo atirava-se por terra como para cima de colchão de pena fofa, chão duro e restolho espetado, o assento aí posto como tombado, e começava-se um remordo de figuinho lampo, seco e duro, às voltas com a língua, um grande calor de sede na paisagem, e a bola mal salivada a conversar lá dentro com as mucosas que tínhamos, como se quisesse regressar fora, num desprendimento de sabor a grainha, até ao pôr do sol. Antigamente, meus senhores, já nem sabemos quando foi. Era isso a merenda. Pelas manhãs, dedeiras de cana enfiadas na mão, metida a foice na seara, ainda os trigos poderiam dar cinco ou seis sementes, mas pela altura das debulhas, chefe Rosendo, quem saberia? Ah, vizinhos, que pelas tardes, duas, três horas das tardes, ainda cada grão daria a sua média de três. Mas depois das merendas, esses descansos breves e remordedores, punha-se o olho caído sobre as paveias para se pensar. Que nem ia dobrar a semente, o raio do plantio. Alguma coisa invisível e muito maninha, que não pássaro nem gineta, poisava por entre os colmozinhos deitados pelas noites de luar e falia as sementes, sumia os grãos. No meio desses despojos de colheita, as merendas eram tão parcas, tão frugaizinhas, como se se estivesse permanentemente em tempo de guerra, acontecendo longe, mas impedindo a fartura. Era preciso esquecer tudo isso, Francisco Antunes, de que não tínhamos tido culpa que nos acontecesse, e rápido. O próprio Simão Rosendo não queria lembrar, muito sério, o anel no dedo em forma de tijolo das paredes, de invulgar vermelho, translúcido.

Comprida e longa a pedra, apertada pelo abraço de uma moldura de oiro, não, não queria agora lembrar esse tempo quase esquecido. Et à quoi bon, mon dieu? Aquele encontro não tinha nada a ver com as merendas, mas com os parties. E podia-se até fazer uma votação. Quem concordava com a proposta de que nunca mais e para sempre se deveria falar de merendas, quem concordava? Fez-se a votação de braço levantado, grande riso, e estávamos todos de acordo. Vivam então os parties, com as palmas próprias de quando os grupos são coesos e unidos, por aclamação. Era assim. Aliás, uma vez que se enterravam as merendas não haveria razão para que não se enterresse também a lembrança de Rosária, um pensamento íntimo que todos tínhamos, muito mudo e muito colectivo, com todas as coisas a passarem nesta vida.

Um pensamento íntimo.

Começaram poucos meses depois de Rosária, e que não se falte à verdade, para a defenição desses encontros contribuiu Sebastião Guerreiro ainda combalido pelo desgosto, ai a minha filha. Os parties? Eram festas-que todos sabiam acontecer às vezes no meio dos bosques por onde passassem rios. Os inventores desse tipo de funções escolhiam os locais com o rigor dos estrategos de combate, e procuravam sítios onde as árvores fossem tamanhas que escondessem cervos. Que cervos? Por isso os bosques deviam ser tão frondosos que lembrassem os contos do toiro azul, para que as folhas ora virassem prata, ora virassem oiro, conforme se batia com um jarro numa parede ou numa rocha. As mulheres, Zulmirinha Santos, entre os troncos pareciam estampas. Os homens rodeados de podengos caçariam lebres. Credo, que disparates. E os casais? Ah os casais, meus amigos, tão amorosos que se diriam couples, segundo Simão Rosendo, agora maitre d'hôtel. Não senhor, pelo contrário, falando de parties, mesmo que nada lembrasse o que se acabava de dizer, devia chamar-se de in love. Tinha a certeza de ser assim, desde que entrasse homem e mulher. Corrigia Sebastião Guerreiro, espalhan-

do os olhos pela língua de areia que ia dali até ao mar. Miss Laura sempre lho tinha dito, e embora não falasse disso, todos sabiam que vivera as coisas por dentro. Por isso era verdade, e não valia a pena duvidar da experiência de Sebastião Guerreiro. Mas cuidado, Zulmirinha Santos, que não passassem da cena de um filme para a generalidade. Eu tinha visto uma outra fita onde contracenava uma grande actriz com um grande actor, vizinhos, e o party acontecia debaixo da alpendrada de um lindo bungalow com roseira à porta. A mesa tinha sido posta como para festa de natal, com velas vermelhas, terrinas e paninhos de renda. Era dezembro e não chovia nem trovejava, antes fazia calor e as mulheres vestiam só de alcinhas. Por acaso desse party se via também o mar como nós aqui, e havia barcos com e sem vela. Em resumo. Havia várias espécies de parties, mas antes de tudo o mais, tínhamos de estar de acordo sobre uma certa questão. Sem dúvida que devíamos. Realmente, amigos, nunca mais se falaria de merendas, essas pausas feitas num tempo tão esquecido, que para se comer uma perna de frango era preciso esperar pelo entrudo de cada ano, acompanhar a vida da ave desde o botar do ovo lá debaixo da pinta até ao termo do crescimento para que se matasse galo, uma faca espetada no gargalo. Jesus, como era. Para que estávamos ainda a voltar ao mesmo? Apetecia já enxotar aquela recordação com um leque de abanar senhoras. Os pinheiros tão mansos, tão mansos e àquela hora tão ralos, que se não começássemos já, as suas próprias sombras fariam sono às vistas. Apetecia cantar. Estamos bem porque estamos e não estamos aqui.

Apetecia.

Isso era se não começássemos. Mas embora se soubesse ninguém assim cantava, senhoras, meus vizinhos. O que importa é que na décima nona, já party, na verdade não se sentaram logo tampouco. Porque as festas chamadas desse modo não deveriam começar pelo comer, mas pelos jogos e pelos risos, brincadeiras que entretinham o convívio, provocavam a alegria e chamavam o apetite, Rui Seladinha.

Ai um deveria fazer de cavalo, o outro de cavaleiro, mão direita na rédea, e esquerda para acrobacias de gestos a galope. Como se diz, Sebastianito? Diz-se the horse e the horseman, se não me engano. Exacto. Mas a gente sonhava, para sermos francos, com o redondo dos volantes forrados de napa e de peluche, grandes fângios pelas estradas fora a ver as várzeas, por isso escolhessem outra. E os homens menos hábeis na imaginação em voz alta escutavam agora Catrinita Mendes, todas as mulheres arredondadas e ladinas punham uns grinchos de ave na voz redopiando a saia, tanto franzido como devia ser. Às vezes que pena, amigas, termos nascido de garra curta e não conseguirmos parecer exactamente as meninas das revistas, paciência. Entre todos, o riso de Valentina Palas fazia estremecer aquele princípio de tarde, que diabo nunca mais se resolvia nada de vez. Um momento. Ai este deveria fazer de chauffeur, aquele de porteiro, eu de rapariga e aquele outro de rapaz ou de potro. Mas para quê de potro? Ai antes aquele de rapaz, este de porteiro e eu de comissária da polícia. Mas que não, que não valia a pena. Era muito mais simples fazer-se apenas uma corrida de apanhada, porque era coisa que todos sabiam, e lá por isso ninguém precisava esfalfar a memória. Começávamos aqui e íamos até além. Mas e os cestos? Se no ímpeto dessa brincadeira algum descuidado lhes aplicava um trampázio? Se algum ou alguma pusesse mal um pé e sofresse de entorse em pleno party? Não se iria a festa? Era verdade, com aquelas saias e aqueles cestos? E nós de cachimbo mesmo a meio do fumo. Era tão verdade. A senhora Valentina tinha o olhar entumescido de alinhar os cabezes postos no chão, à espera de verdadeiro rumo, de asa aberta para o mar. Só que para ser franca, meus amigos, confundíamos tudo. Quando os parties acontecem de vestido comprido são para jogos discretos e lentos. Quando os jogos eram movimentados. Explicava Zulmirinha Santos, a verdadeira empregada do shopping, perfumes, lembranças de loiça, pequenos enfeites com pregadeira, habituada por isso a explicar de toilettes e modas. Todas as revistas lhe passavam pela mão. Quando os jogos eram movimentados, as pessoas sabiam com antecedência e punham calça e blusão sport. Era pre-

ciso distinguir as situações umas das outras, meus amigos, naquela décima nona que acontecia à sombra rala dos pinheiros da encosta, abanando luzernas foscas por entre as cabeças e os mantimentos a dispor em volta. Apesar de novembro, o céu tinha a claridade nua da transparência, e o mar em baixo parecia adormecido por um tantã de respiração brando e silencioso. Caramba que nem um barquinho passa. Podia-se olhar em redor como para sítios desconhecidos. O Alguergue, estendido e perfilado a meio da encosta, era um grande marco feito de quartos, serviços, varandas, esplanadas. Tudo limpo, perfeito, pintado e irradiando mensagens invisíveis de mantenham-se, alegrem-se e amem-se, meus amigos. Era ou não era? Se era. Mas ora bolas que estávamos ali aflitos para fazer como nos filmes, quando não valia a pena. Disse Chico Antunes já maçado de ouvir tanta opinião cruzada e movediça, sentenças que pareciam ir ser definitivas e afinal não conduziam a coisa nenhuma. Em seu entender, os parties deviam começar mas era por toda a gente se sentar e falar de vizinho para vizinho, conforme o gozo e a vontade, pá, e proponho que vamos a isso. Não se julguem só pelos outros, porra, julguem os outros também pela gente. O que apeteceria a um homem fazer, sabendo que tinha os cestos cheios de comida, senão comer? Dizia Chico Antunes com tanta clarividência na voz que apetecia partir a cara à verdade. O apetite não tinha fronteiras, amigos, ou teria? Claro que não. Inventassem então outra para outro dia e fôssemos a isto. Zulmirinha a pontos de se ofender, porque aquilo começava mal, já que sempre havia quem pusesse a língua a passeio, fazendo lembrar afinal as antigas merendas, caramba, mas bastou que Sebastião Guerreiro dissesse uma vez apenas, retirando o cigarro da boca. Peace, my friends. Para que a décima nona começasse.

Sem o mínimo vestígio de Rosária.

Começou então o primeiro party. Alinharam-se uns a seguir aos outros, palavras discretas e grande entendimento, de ali tu e aqui eu, além o Quinas, depois o Edmundo para ver se fala o rapaz, e pare-

ceu a todos, assim sentados, vendo as bocas dos sacos e as tampas dos cestos descobrirem-se, que a vida era uma coisa doce, mansa, muito pomba, muito pomba. Ah, meus amigos, desçam as pálpebras e vejam. Sintam para dentro com os olhos da alma. Tão bons estes domingos, estes encontros civilizados, estas conversas sobre o nosso me tier, o nosso entretém, vejam, vejam para dentro e não nos falem do passado, por favor. Yes, not the past. Rematava Sebastião Guerreiro já de olho alongado sobre o local da praia. Mas sendo assim, em sua opinião, devia dar-se início à coisa. Simplesmente as mulheres ainda zelavam com o olhar as asas de alguns cestos onde paninhos brancos e lavados estavam muito direitos sobre. Um riso de simpatia. Era como se contivessem dentro, ajoujados, meninos de peito, chuchas nas boca, dormindo os seus soninhos férteis entre mamadas. Ali eram pastéis de salsa, aqui eram doces. Fi-los de manhã para que ainda viessem quentinhos do forno. Gostamos deles dentro de sainhas de papel plissado com pérola no meio, e ficam bem, mesmo a matar, postos sobre esta bandeja de casquinha que também trouxemos. Adoro as coisas feitas assim a preceito. We love. Era Zulmirinha Santos e Catrinita Mendes. Decompuseram então os braços em gestos comidos, alcanças e toma lá, escolhes e passas, mais um bocadinho, sim obrigado. A vida tão boa, tão doce, tão mansa. Agora por favor, retirem a vista do mar e ponham-na aqui.

Era assim tão doce e tão pombinha.

Era sim, muito mansa. Simão Rosendo começou até por fazer questão de beber apenas do branco da torneira pura, Sebastianito, porque aquilo era um party e apenas um copo do tamanho de um dedal lhe bastaria para tresler, dizer coisas que no dia seguinte lhe repetiam para que corasse até à raiz dos cabelos, a mim que sou pessoa vivida por esse mundo. Naquele momento queria manter a dignidade de se pensar na sua condição de maitre, pessoa de papillon e casaca, misura tão precisa diante das mesas, o ouvido levemente inclinado, e agora. Só água, por favor. E servia-se dos triangulozi-

nhos de pão enfeitados de alface e palito, ça suffit, a que Aldegundes chamava de canapé. Rui Seladinha achava graça porque estava convencido ser canapé um tipo de almofada com folho, bordado de granité. Qual almofada, homem. Tinha dito Sebastião Guerreiro que conhecia de ouvir telefonia desde sempre, pelo menos até à meia-noite. Canapé era um cadeirão onde a pessoa alongava as pernas, mas ficava com o corpo direito para conversar comodamente. De momento podíamos mas era ir esticando os braços para esse prato florido de rodela de tomate, rodelinha de ovo, pedacinho de azeitona escura sobre um montelinho de maionese esverdinhada. Que aquilo ainda deixava mais fome, mas que se destinava exactamente a isso, afugentar o fastio, espevitatar o apetite, provocar a alegria. Ah sim, compreendo. Então passaram-se às carnes e folhados e iniciou-se a rega. Era mesmo assim. Anda, Simão Rosendo, só um pouco de vermelho para tingir a água, como os meninos em noite de ano novo. Começámos a brindar, Edmundo Chega aqui, Rui Seladinha, copos levantados e olhos nos olhos, os gestos tolhidos pelo aprumo do savoir-faire do sorvo. Era exactamente assim que eles faziam lá no serviço de grill, por altura do doce, Maurice César a amolentar o piano com ambas as mãos, meus senhores. Fôssemos então. Tchim tchim à nossa. À tua. À de todos nós, à de Sebastião Guerreiro em particular. Thanks. Dizia este. Tchim tchim. E ainda outro, olho no olho, ia acima, ia abaixo. Senhora Valentina a pontos de quebrar os copos no ímpeto desse beijar de bordos diante do mar e ao ar livre como antigamente as merendas, de resto nenhum outro ponto de contacto. Petiscávamos coisinha aqui, coisinha ali, folhinhas de fiambre como pagelas roxas a penderem de pãezinhos do tamanho de ameixas. O braço a ir e a vir. Custava a crer em tanta felicidade. Acima, abaixo, à altura dos olhos, mais um. Por favor são dois. Então à minha, à tua, à das nossas mulheres, à dos nossos homens. À gerência daquela casa que nos permitia a festa, nos dispensava a todos, apesar de ter existido um 15 de agosto, mas nos dispensava a todos, como se nada tivesse acontecido nesse campo laboral. Tinha sido tudo bem verdade, mas não valia a pena pensar-se agora nisso.

Rui Seladinha a brincar, que cuidado, Zulmirinha, estava a ver que dali a bocado ainda poderia haver uma sessão de canto se Edmundo continuasse a servir-se daquele jeito. Realmente era preciso cautela, mas ninguém poderia jurar que qualquer barco tivesse entretanto passado a enfeitar a monotonia do mar de tão distraídos que estávamos. Acontecesse o que acontecesse não queriam cenas naquele primeiro party. Então Edmundo levantou-se e fez o quatro em pé para demonstrar a força da sua lucidez. Tinha uma figura pequena e débil, o bigode lembrava um buço, e a cara salpicada de pequenos furos de pele, resto de uma vermelha fogagem feita de espinhas de cabeça branca, que tinham aparecido de propósito para deixarem o seu vestígio de coisa sarna, senhores. Mas estava ótimo. Vejam todos, Zulmira, como eu faço o quatro. E fê-lo, pé no joelho, braços abertos como se quisesse avejoar, feito pássaro doméstico. Tanta era a consciência do momento, das coisas circundantes. Só que no meio de tamanha alegria de brindes, Simão Rosendo pôs-se a perder a sua palidez de mordomo e deixou-se iluminar de rubor, por entre as risadas que reduziam o som do mar à dimensão de um chiado. Fosforescia já até ao pescoço de uma alegria brilhante e vermelha, e nós estávamos todos reunidos e éramos testemunhas. Ah, gente. Afinal a sandes era o melhor prato da mesa desde que enfeitado de basto vinho. Sirvo de tudo aos outros, mas sei. As verdades a saírem-lhe da boca aos borbotões. Já Simão Rosendo ia começar a espetar o dedo onde o anel, oblongo paralelepípedo de estrada, brilhava como copo de vinho lagoa, e já a camisa se desfraldava da segurança do cinto, exactamente o mesmo, amigos, que costumava cingir-lhe os fatos de preto lustroso e de laço, e já ele não se cansava de repetir. Ah caramba, que aquele era o melhor prato de mesa desde que enfeitado de basto vinho. E perante o riso de todos, Simão Rosendo olhava por cima das cabeças, batendo com a vista na rama rala dos pinheiros. Tinha o maître o olho iluminado por muito cuspo, como se pouco a pouco uma faca interior o estivesse a untar de um majestoso desejo, feito só de mastigação e saliva. Como foi isto amigos, afinal houve alguém que o serviu de propósito para estragar a festa. Zulmira San-

tos tinha muita razão para olhar em volta como se algum dos presentes fosse um conspirador disfarçado. Não tinha sido ninguém. A sandes, olhem muito bem para as que aqui estão. Dizia ele com um tique de gesto aprendido à la cannebière, messieurs, mas já tocado a partir dos membros de baixo, tropeçando um pouco para alcançar as fatias dispostas duas a duas, uma surpresa de conduto escondido no meio. A sandes, vejam-na. E era como se nenhum dos presentes nunca tivesse provado esse mantimento na vida.

Foi logo assim tudo tão claro na décima nona?

Então nesse ponto de alegria Valentina Palas fez-se mexer toda sobre a anca como se comandada por uma palavrinha secreta e súbita. A gente a rir. Abriu ela a boca de um saco fechado por um franzido de cordel com que o seu cabaz se rematava por tampa e olhou para o interior do recheio. Eu sabia, amigos, eu sabia que chamássemos o que chamássemos a este ajuntamento, esta festa tinha de chegar aqui como sempre. Falem-me agora em coisas de toiro azul e princesas carinas. Ah, oui, y arriver. Disse Simão Rosendo disposto a atravessar o grupo com um pesado ganguião de perna. Ou isso, eu sabia. E a senhora Valentina, depois de ter feito parir pela boca da bolsa, cuidadosamente, uma taça do tamanho de bacia de lavar o rosto, pôde dizer para todos como tudo o que ali viam era só tablete e ovo, além de açúcar, meus amigos. O seu Leonardo por testemunha. E depois, a segunda surpresa, para a qual não era preciso tanto cuidado de mãos, de olhos fechados se adivinhava. A gente a rir. Começou então Valentina Palas a dispor uma pirâmide de sanduíches de crosta viva. Estivessem à vontade que dava para todos e todas, e viessem vindo a elas. A saia da ofertadora, comprida e de folho, fazia um redor de camilha em torno da cintura. Entre os dois seios, caído o xaile para o colo de Leonardo, cavava-se diante das vistas uma greta entalada por duas bolas secantes onde poderia esconder-se, acagaçado, um grande pombo. Tão boa a vida, tão mansa, meus senhores. Só que assim não podia ser, porque nesse tempo

